

Ancoragens de Interação em Grupos Mediatizados: proposta quantiqualitativa¹

Interaction Anchorages in Mediatized Groups: a quantiqualitative approach

Fernando Luiz Nobre Cavalcante²

Michael Manfred Hanke³

Resumo: *Este artigo discute acerca das possíveis análises a enquadramentos temáticos debatidos por grupos mediatizados. Propõe uma matriz analítica, problematizando similitudes entre a comunicação face a face e a interação em grupos mediatizados, apoiando-se na abordagem de ancoragens de quadros de interação, cunhada por Erving Goffman. Procede a uma proposta metodológica, baseando-se no entendimento de que as funcionalidades técnicas de grupos de WhatsApp permitem identificar marcadores para análises quantiqualitativas dirigidas às Ciências da Comunicação e aos Estudos da Mídia.*

Palavras-chave: *mediatização profunda; método quantiqualitativo; análise de WhatsApp; comunicação face a face; enquadramento temático.*

Abstract: *This paper sets out a debate on the possibility of analyzing frames of relevance discussed by mediatized groups. It proposes an analytical model problematizing similarities between face to face communication and interaction into mediatized groups, based on the proposal of anchoring of interaction frames conceived by Erving Goffman. It launches a methodological proposal based on the understanding that the technical functionalities of the WhatsApp groups allow*

1 O artigo é um extrato parcialmente modificado da Tese de Doutorado em Estudos da Mídia de Cavalcante (2019).

2 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-2803-5291>. E-mail: fermandocavalcante@gmail.com.

3 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6102-7328>. E-mail: michaelhankebeaga@yahoo.com.br.

to identifying brackets for quantiqualitative analysis addressed to the fields of Communication Sciences and Media Studies.

Keywords: *deep mediatization; quantiqualitative method; WhatsApp analyze; communication face to face; frame of relevance*

Introdução

Recentes resgates ao interacionismo simbólico do sociólogo canadense Erving Goffman preservam duas de suas mais importantes contribuições. *The presentation of self in everyday life*, de 1959, relida por Thompson (2018), onde os conceitos de palco e bastidores (*front e back stage*) guiam o rejuvenescimento de sua teoria e *Frame analysis: An essay on the organization of experience*, lançada em 1974, na qual Persson (2018) se dedica à releitura das análises de *frames*. Ambos os trabalhos, em conjunto com Hepp e Hasebrink (2015), ponderam os conceitos empreendidos por Goffman aos estudos da midiatização e comunicação. A revisão dos trabalhos do Sociólogo já instigou reflexões de se entender a mídia por sua lógica, em seu formato como “[...] quadro processual através do qual ocorre a ação social” (SNOW; ALTHEIDE, 1979, p. 15 apud HEPP, 2013, p. 39). Este escrito explora os estudos de análise de *frames*⁴ operacionalizando um conceito pouco discutido, mas frutífero para os métodos quantiqualitativos em investigações acerca de grupos midiatizados:⁵ o conceito de ancoragens de interação. O debate expresso no artigo é, acima de tudo, um chamado para a modalidade *figuracional* da ordem interacional midiatizada. Pelo formato, a lente de se capturar o conteúdo pode ser menos míope.

Convergindo noções de lógica da mídia à proposta semiótica socio-discursiva, a rede de investigação intitulada *Figuração Comunicativa* (*Communicative Figurations*⁶) procede a contraposições importantes aos estudos de midiatização. Desde o entendimento acerca dos traços digitais esmiuçado nas modalidades de comunicação em um panorama comparativo atentando às configurações processuais da mídia no cerne

4 Adotado neste artigo também como “enquadramento temático”, relê o original *Frame Analysis* (1986 [1974]) e a edição brasileira *Os Quadros da Experiência Social: uma perspectiva em análise* (2012), da Editora Vozes.

5 Referente aos aplicativos de comunicação por mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, *WeChat*, *Telegram*, *Slack*, *Google Hangouts* e *Facebook Messenger*.

6 A rede de investigação Figurações Comunicativas é uma iniciativa conjunta das Universidades de Bremen e Hamburgo com o Centro de Investigação em Mídia, Comunicação e Informação (ZeMKI) e o Instituto de Gestão da Informação (IFIB) da Universidade de Bremen. <https://www.kommunikative-figurationen.de>.

de sua historicidade (AVERBECK-LIETZ, 2014) até a compreensão da mídia metaprocesso, contextualizando, assim, que os estádios de individualização, comercialização e globalização estão permeados por inúmeros subprocessos de transformação social (KROTZ, 2007). Justifica-se, com efeito, a *abordagem figuracional* neste estudo, pela centralidade nas redes de atores entrelaçados pelos enquadramentos temáticos de seus repertórios de mídia (HEPP, 2019). O termo *mediatização* aqui abordado instiga pesquisadores brasileiros às considerações do conceito *deep mediatization* (mediatização profunda⁷), resumida pelo foco na centralidade às diferenciações de mídia, aumento exponencial da conectividade e os rápidos incrementos inovativos nos meios e no progresso da datatização⁸ (COULDRY; HEPP, 2016; HEPP; BREITER; HASEBRINK, 2018; HEPP; 2019).

Suscitando a noção de que a ordem da interação em um grupo mediatizado subjaz à disponibilidade, ao critério e à funcionalidade técnica impostos ao *medium* onde a interação ocorre, este ensaio aproxima procedimentos qualitativos oriundos dos estudos etnometodológicos à seara das Ciências da Comunicação e dos Estudos da Mídia. Encontra brechas para cruzamentos quantitativos, ao delimitar marcadores de interação, denominados de *âncoras de interação* (*brackets*), provenientes da revisão literária goffmaniana. Considera-se que funcionalidades técnicas, permeadas as vias de comunicação destes agrupamentos humanos centrados na mídia, roteirizam mimeses da linguagem por via de escrita, fala e gesto, sendo aferíveis parênteses de aberturas de fechamentos de figurativas interações, centrados em quadros temáticos dos jogos de representação.

- 7 A tradução “mediatização profunda” é oferecida pela Editora Unisinos que optou por um sentido mais literal de Couldry e Hepp (2016) em *A Construção Mediada da Realidade*. O autor não teve acesso à obra porque o fechamento do artigo coincidiu com a produção gráfica do livro.
- 8 Segundo Hepp, Breiter e Hasebrink (2018), citando Karanasis et al. (2013), o termo neológico *datatização* (*datafication*) refere-se à digitalização crescente das mídias com tecnologia baseada em *software*. Buzato (2018) traduz a dicção para *dadificação*, havendo semelhante significado.

A primeira seção deste artigo abeira os estudos de interação desenvolvidos por Erving Goffman (2012a) às abordagens sobre midiatização, sugerindo que o jogo representacional depurado pelos enquadramentos temáticos são elo entre a comunicação face a face e a midiatizada. Posteriormente, aplica a noção de ancoragens de interação, oriunda da proposta goffmaniana de estudar quadros de interação, às evidências empíricas provenientes das funcionalidades técnicas de grupos de WhatsApp. Ao final da seção segunda, uma matriz metodológica é expressa, no intento de orientar futuros estudos quantiquantitativos focalizados em grupos do WhatsApp e outros aplicativos com similares funcionalidades-representativas. Insiste-se em que o domínio proeminente das empresas privadas de tecnologia provedora dos serviços de comunicação entre usuários deve se estender aos estudos independentes ou acadêmicos no terreno das Ciências da Comunicação e Estudos da Mídia.

Enquadramentos temáticos na abordagem figuracional da midiatização

Enquadramento temático é o ato de analisar quadros (*frames*) de interação. No recorte deste estudo, se tenciona compreender os entrelaces dos membros configurados como uma constelação de atores que figuram em jogos representacionais dramatizados à trama das temáticas relevantes em um grupo midiatizado. As bases propostas por parte de Hepp, Breiter e Hasebrink (2018) e Hepp (2019) na abordagem figuracional (*figurational approach*) dos estudos da midiatização têm um apreço considerável pela perspectiva de configuração processual, de Norbert Elias, e figuração social, de Erving Goffman. Os autores atualizam essas perspectivas teóricas na consideração da importância de entender as mídias como entrelaçamento transmidiático comunicativo. Dupla influência relê os conceitos de como as dinâmicas das mídias se processam e se entrelaçam na vida cotidiana inspiradas na base teórica sobre *figurations*, em Elias (2011) e acerca das incorporações das figurações cotidianas

dos meios – à luz de Goffman (2012a) – ampliados à análise de *frames* (*frames of relevance*), aos enquadramentos temáticos. Por enquadramentos temáticos, evidencia-se a compreensão, em Hepp (2019, p. 139), de que os novos agrupamentos humanos entrelaçados por plataforma de coletividade “baseiam-se em quadros de relevância (gosto) comuns sendo mediadas pelas plataformas em determinadas constelações de atores” (HEPP, 2019, p.139, tradução nossa). Na inspiração conceito de enquadramento temático ser uma das características da abordagem figurativa na era da midiatização profunda, Hepp e Hasebrink (2015) argumentam a importância da releitura de Goffman:

Talvez o ponto mais complexo das *configurações comunicativas* seja o seu *enquadramento temático*. Ao usar este termo, nós nos referimos menos à “análise de enquadramento” como é bem conhecida na pesquisa de conteúdo de mídia e de comunicação. Nosso termo é muito mais baseado no fundamento da teoria social e na “análise de quadros” esboçada por Erving Goffman [...] (HEPP; HASEBRINK, 2015, p. 84; grifo nosso).

Na compreensão das análises de *frames* de conversação, Goffman refere-se a um quadro social como um esquema mental que permite aos usuários organizar experiências. Goffman (2012a; 2012b) fornece elementos-chave para entender a estrutura simbólica nas interações do cotidiano, e toma na comunicação dialogal face a face a empiria propícia para observar o sistema interativo da relação entre as pessoas especialmente as posições dos jogos e papéis em que os atores se posicionam nos recortes temáticos de realidade. Examinando as faixas de atividades cotidianas, encontra evidências cognitivas e simbólicas que rodeiam as interações dos agentes sociais. Em *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, obra a lume em 1974, o autor compreende uma limitação que a corrente fenomenológica tratou acerca das “realidades múltiplas” e da “província de sentidos”. Esses módulos, discutidos por William James e Alfred Schutz, permitiram que Goffman ampliasse a ideia de organização da experiência, recusando uma distinção entre a realidade da vida cotidiana e dos demais domínios das realidades. “Falar aqui da ‘vida cotidiana’, ou, como faz Schutz, do ‘mundo das realidades

práticas plenamente conscientes’, é simplesmente atirar no escuro” (GOFFMAN, 2012a, p. 50).

Goffman expressa, com fundamento, que os participantes de uma situação social se movem em torno de duas perguntas centrais, quando confrontados cotidianamente: “O que está acontecendo aqui?” e “Em que circunstância pensamos que as coisas são reais?” (2012a, p. 31). Esta noção, em um grupo mediatizado, atrela-se ao conjunto de funcionalidades técnicas de representação. O ato de inserir-se ou abster-se de determinadas temáticas dependerá da relevância concedida aos *frames* de enquadrar um determinado fluxo interacional, como tematicamente importante ou não. “As práticas, os quadros de relevância e as relações de poder carregadas de tensão dentro da constelação de atores fazem sempre parte da construção do indivíduo” (HEPP, 2019, p. 150, tradução nossa). Mesmo sendo crítica a proposta de Schutz, Goffman procedia como uma obstinação, dando continuidade à compreensão empírica da necessidade dos atores da “definição da situação” – o que foi empreendido inicialmente por Schutz. Hanke (2018), ao lembrar o Teorema de Thomas “Se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais em suas consequências”, aprofunda-se na abordagem schutziana sobre estruturas de relevância, os mecanismos de incorporação sociocultural do conhecimento, imbricadas por vias de dicotomia “dentro/fora do grupo” (*in-group/out-group*) (HANKE, 2018, p. 150).

As fronteiras entre os formatos de organização do “mundo” das experiências cotidianas e o “mundo dos sonhos”, empreendidas por James e Schutz, na visão de Goffman (2012a, p. 28), mesmo tendo sido fundamentais para distinguir seus variados domínios de realidade, foram carentes quanto ao plano metodológico de debruçar-se sobre regras constitutivas da atividade cotidiana. As atividades servem de modelo para as transformações que Goffman enxerga nas ideias sobre “literalidade”. A compreensão acerca desse conceito, com suporte nos quadros de análise, põe em contexto a ideia de transformações como um processo em que uma atividade cotidiana é associada a um modelo primário de quadros, permutados em “cópias” submetidas à modalização e às remodelações.

Em um esquema primário, Goffman exemplifica que determinados enquadramentos sociais, oriundos de cenas cotidianas de surpresas, proezas, trapalhadas, casualidades e brincadeiras, transformam-se ao toque do encontro interacional, ou seja, “literalizam-se”, figurando cópias de realidade pela manutenção de quadros de interação transformados: cópias da realidade. Essas cenas cotidianas convertem-se em algo significativo do que outrora seria sem significação. Especialmente, em um grupo midiaticado, pelas funcionalidades técnicas disponibilizadas, essas transformações podem se intensificar.

A ordem interacional é um dos pontos de intersecção do parâmetro de comparação da comunicação face a face da midiaticada que ocorre em grupo. Por ordem interacional, compreende-se as forças de ritualização e vulnerabilidade do *frame* (PERSSON, 2018, p. 26). Em grupo midiaticado ou físico, isso fica mais notório quando o consensual trabalho dos membros em compreender “o que está acontecendo aqui?” e “em que circunstâncias isso será real?” orienta a “clarificação do quadro”, como Goffman (2012a, p. 415) aponta. Essa relação complementar e dicotomia semelhante em outros objetos de estudo sociológico, a exemplo dos conceitos weberianos de carisma e de racionalidade, acompanha Goffman em óptica metodológica, ao vetorizar os tipos transformativos dos quadros de interação. Há o segundo argumento para o esquema comparativo deste artigo a singular caracterização dos *frames*.

Na proposta analítica de Goffman, os esquemas primários, caracterizados por uma *schemata* particular de interpretação – do reconhecer um determinado acontecimento como parte de uma atividade – podem se intensificar a similitudes representacionais de um quadro teatral pelas transformações dos enquadramentos; desde os níveis onde os atores estão mais familiarizados com os códigos de interação, intitulados de tons (*keys*⁹), até as maquinações (*fabrications*), as quais, por uma relação assimétrica, pelo menos um dos atores desconhece as convenções da interação. Ou seja, além de instrumentalizar os instrumentos em-

9 Assumido por Goffman (2012a, p. 72) como um conjunto de normas referentes aos termos “keys” (tom). Viabilizados pelo processo de transcrição chamado de tonalizações (*keying*) e retonalizações (*rekeying*).

píricos em distinções de maquinação e tons interacionais, o Sociólogo pontua o terceiro prisma analítico, intitulado de laminações (*layerings*), que intensifica a roteirização dramática de um *frame* retonalizado, podendo ser retransformadas por laminações internas (tonalizações lado a lado) ou externas (maior complexidade de maquinações). O que caracteriza a proposta quantiqualitativa deste artigo são os marcadores para identificar a formação de *frames*, intitulado por Goffman como ancoragens ou parênteses (*brackets*), delimitadores de uma cena, anunciadores de abertura ou finalizações e enquadramentos (GOFFMAN, 1986 [1974]; NUNES, 1993; GOFFMAN, 2012a; PERSSON, 2018; CAVALCANTE, 2019). A próxima seção abre o segundo argumento de comparação entre a comunicação face a face e a midiaticada, conforme proposto neste artigo, materializando as delimitações, as ancoragens, em funcionalidades técnicas do WhatsApp, a fim de encontrar os *frames* conceituados por Goffman.

Mesmo tendo tomado como grande fonte empírica elementos da comunicação face a face contidas em anedotas extraídas de jornais estadunidenses de grande circulação, livros populares e biografias, histórias em quadrinhos, roteiros de peças teatrais e variados materiais de críticas literárias, bem como as conversas de esquina, Goffman vem inspirando a compreensão dos estudos dos *frames* aos estudos da mídia (PERSSON, 2018; MACKENZIE, 2019; PUENTE BIENVENIDO, BRUNA, 2019). Trazer as novas vertentes da midiaticação em seu estudo desafia as barreiras quali *versus* quanti impostas em seu tempo. Por mais que as observações de Goffman sejam estreitamente qualitativas, a fixação em entender padrões impulsiona este experimento a reaplicar estes conceitos. Na proposta goffmaniana aos grupos midiaticados, as ordens interacionais de vulnerabilidades dos enquadramentos de experiências coletivas, facilmente, poderão conduzir aos atores da cena – e ao pesquisador imerso no grupo – ilusão, delírio ou engano, como lembrado por Goffman (2012a, p. 545). Quanto menor for a quantidade de informações nos *frames* de interação, menor a chance de vulnerabilidades de rupturas. Essa ordem pode também ocorrer em grupos

midiatizados. Quanto mais “fechado” for o grupo, mais definível tende a ser seu sistema de conduta, imbuindo uma relação proporcional entre vulnerabilidade e ritualidade como forças transformativas dos enquadramentos temáticos. Em grupos genericamente abertos, as chances de fragmentação dos quadros são superiores. Mesmo assim, valerá a aplicação das ancoragens propostas.

Vetores quantificativos para os estudos das ancoragens de interação em grupos de WhatsApp

Esta seção dedica-se, com efeito, a conceituar as ancoragens de interação como marcadores à literalidade cotidianos, revigorando a conceituação goffmaniana de parênteses ou ancoragens (*brackets*) às interações em grupos midiáticos. Ratifica-se a noção de grupo midiático como associada à abordagem *figuracional*. Visto, então, como um espaço onde a comunicação mediada por computador ocorre no contexto da midiática profunda dividido por uma constelação de atores, suas práticas comunicacionais entrelaçadas e os repertórios midiáticos e enquadramentos temáticos de “gostos” e identificações. Portanto, um grupo midiático é o palco (*front stage*) para o sim e o não do dinamismo temático das ordens interacionais. A hipótese imperante neste artigo é a de que as funcionalidades técnicas do *medium* são mestras das forças de transformação de uma ordem interacional, precisamente, no tocante às vulnerabilidades e ritualidades de seus usos representacionais no processo comunicacional.

De ponta a ponta, a ordem interacional de grupo figura-se por contínuos enquadramentos temáticos ao jogo de equilíbrio entre ritualização e vulnerabilidade. Uma interação no aplicativo WhatsApp pode ocorrer desde que haja contato primeiro dos dados da agenda telefônica do aparelho celular de uma pessoa. A intenção do ato de *salvar* um contato telefônico pode dar indícios das iminentes cenas de interação. Posto em contato com um terceiro, esse ato precede a formação do quadro. Também sucede, desde o contato firmado, até o ato contrário, de que

a exclusão do contato pode significar ruptura do quadro iminente. Em um grupo, a comunicação direta com um contato, salvo ou não, é conduzida pelo “@”, seguido da identificação numérica. Algo semelhante ocorre ao ingressar em um grupo do WhatsApp, pelo fato de um *link* ter a chave do ingresso, para, então, se utilizar da gama de funcionalidades disponíveis com vistas a estabelecer uma conexão com um ou mais humanos da interação. Por toques, o usuário pode escolher, desde elementos hipertextuais de escrita computacional, até gravação de áudio ou registros imagéticos por fotografias e vídeos. Ao segundo toque, seguido da vulnerabilidade, com o desfazer-se do *link*, rompe-se a ordem interacional em grupo. Essa diferenciação do formato da mensagem garante o primeiro vetor de análise proposto no trabalho ora relatoriado.

As ancoragens goffmanianas dos relatos de participar ou sair de uma interação pelas i) Fofocas do “ver, por quem viu”; ii) *Voyeurismos* do “olhar, sem que ninguém olhe”; e iii) Espionagens do “ler, sem que ninguém veja”, hoje, são entregues a funcionalidades midiáticas. Estas efervesce uma interação formatada por mensagens textuais, sonoras ou imagéticas, ancoradas às possibilidades de visualização do *status* de digitação e leitura das mensagens. O *status* da digitação, como as notificações e os dados da mensagem, também é funcionalidade técnica que permite ao ator acompanhar ou não a dinâmica da interação. Propõe-se, de efeito, encontrar padrões no que se considera como ancoragem das maneiras sob as quais a *definição da situação* da ordem interacional pode ser ritualizada pelos atores de um grupo midiatizado. As funções técnicas de *status*, leituras de dados e os tipos de mensagens são aqui considerados delimitações quantiquantitativas. Mais do que a apuração do caráter interior de um enquadramento, como observador das cenas cotidianas, Goffman assegurava em sua proposta de análise de *frames* maior atenção aos rituais (como regras) da interação pelo prisma do formato do conteúdo, da “definição da situação”.¹⁰ O sociólogo

10 No prefácio de *Frame analysis*, Bennett Berger entende que o conceito da situação molda a maneira como os sentidos eram gerados: “defining the situation’, shaped the meanings generated” (GOFFMAN, 1986 [1974]). Na tradução para a edição brasileira, *shaped* é entendido como configurar.

argumenta recorrer ao vocábulo ritual, ao entender que seu sistema de regras dependia das formas pelas quais a pessoa estava atenta, ao moldar dos significados simbólicos dos seus atos (PERSSON, 2019, p. 31). Identificá-las, categorizando-as em texto, imagem e áudio de uma interação de um grupo midiaticado, também reforça a definição de *formas de comunicação*, cerne do *approach* da figuração comunicativa, como visto na seção imediatamente anterior.

A expressão das diferenciações de formatos (texto, imagem e áudio) pode ancorar *frames* a serem analisados qualitativamente após o primeiro cruzamento quantitativo via categorização em mensagens úteis e não úteis – onde útil significará componentes textuais – e mensagens omitidas (emitidas por notificações do sistema em um grupo). A interpretação da base estrutural de texto de uma mensagem será o parâmetro para estudar as maquinações, tonalizações e laminações do processo de transformação do quadro interacional. Recomenda-se definir um cálculo para as mensagens analisáveis textualmente (úteis), compostas por caracteres de qualquer tipo textuais, e a partir daí ponderar média, mediana e desvio-padrão da quantidade de caracteres de texto (`Qntd_Caract_Total`) por mensagem. Os dois seguintes cruzamentos partem desta definição para entender as variações propostas pelo esquema dos *brackets*.

As ancoragens das formas são parênteses internos quantificáveis para enquadramentos qualitativos, sugeridas pela investigação dos tipos de incidência das mensagens de uma interação tencionados pelos rituais de observar as funcionalidades de notificações e *status* de leitura de uma mensagem. A emissão de qualquer tipo de mensagem lançada a um grupo pode ser ancorável a um quadro iminente, mediante as funções de notificação e informações sobre os dados que um usuário venha a utilizar. As incidências totais de mensagens, categorizadas em textual, sonoro e imagético, a longo prazo de uma interação midiaticada – ponderadas as evidências qualitativas acerca das notificações, *status* de digitação e leitura das mensagens recebidas pelos atores – são marcadores de uma cena figurativa. Esse traduz-se pela frequência das trocas de mensagens

de um grupo, ancoradas pelas funcionalidades de *status* e notificações do WhatsApp.

O segundo vetor de análise refere-se à profundidade transformacional dos quadros de interação, observando a (re)transformação de um enquadramento temático, contextualizando o que Goffman denominava como laminações ou camadas. É o ato de retonalizar um *tom* prévio ou retransformá-lo em uma maquinação complexa. Ou seja, intensificar a vulnerabilidade do quadro em ambiguidades, dificultando o esforço de enquadramento dos participantes. Qual a intenção do envio deste *link*? Foi ironia o uso deste símbolo? Por que enfatizam meu nome no grupo? Devo mandar um *e-mail* agora? Essas são algumas indagações que, pela incidência de ancoragens de laminações, podem surgir pelos participantes, tornando o quadro um pouco mais turvo do que seria.

A rede simbólica emocional no WhatsApp é permeada pelo *emo-ticons* ou *emojis* que, além de seus múltiplos significados, em seus significantes são neologismos resultantes da união entre as palavras (SAMPIETRO, 2016) *emoção* e o *ícone* em inglês para primeira definição e resultante das junções *imagens* e *caracteres* em japonês na segunda. Nove categorias de *emojis* estão no WhatsApp atualmente, totalizando cerca de 110 opções de símbolos: pessoas, animais, comidas, esporte, transporte, eletrônicos, placas de sinalização e bandeiras das nações. Os *emojis* seguem o padrão *Unicode*, que permite a um sistema de código computacional manipular, ler e interpretar cada simbólico utilizado, podendo, assim, variar em cada sistema operacional móvel. *Stickers* – adesivos personalizáveis – são imagens em sua essência, mas que denotam a mesma simbologia de um *emoji*. Expressam emoções ou denotam os instantes das variações de humor de uma personalidade. Constantemente, a empresa incrementa inovações em suas funcionalidades técnicas, a exemplo do ocorrido em 2017, com a função *status*, que contém mensagens (por texto ou imagem estático/movimento) com uma duração de 24 horas, disponibilizado a todos os salvos na agenda telefônica móvel de um usuário.

Emails, links (“www...”), símbolos (*emojis/stickers*) e chamamentos dos contatos (“@Fulano”), neste estudo, estão aglutinados como elementos potencializadores de ancoragens de interações mediatizadas. Especificamente, estes são ancoragens para os enquadramentos de *laminacões*, potencialmente reprodutores de *tons* ou maquinações complexas, como definido na seção imediatamente anterior. *Laminacões* são retonalizações internas ou externas. Ambas são ancoragens de interação por serem delimitáveis da cena do quadro e praticantes deste. Sendo funcionalidades técnicas, anunciam e expressam os atos representacionais, um *link* do ato de apontar um caminho externo, do uso dos *emojis* de expressar emoções ou gestualidades, um “@Fulano” ao aproximar-se do ator do contato. Como técnica mimetizada da linguagem, dispõem-se como marcadores das atividades internas em um palco. “Com efeito, os jogadores e o equipamento usado em atividades bastante diferentes podem empregar o mesmo serviço num íntimo entrelaçamento de uso” (GOFFMAN, 2012a, p. 310). São como molduras, de acordo com Goffman, pois moldam o quadro de interação como forma, mas também interferem como conteúdo do quadro. “Estes marcadores, tal como moldura de madeira de um quadro, presumivelmente não fazem parte do mundo externo às atividades, mas são antes ambas as coisas, internos e externos, uma condição paradoxal [...]” (GOFFMAN, 2012a, p. 312). São ancoragens temporais de aberturas e fechamentos e espaciais de delimitação.

Em uma ordem interacional mediatizada, tal qual um gesto da comunicação face a face, um determinado *emoji* pode ser marcador de início do quadro temático (e tematizável). Por uma ancoragem de interação, esses marcadores chamam a um determinado quadro representacional e estão permeados de “faixas” (*strips*) de atividades, como um “[...] fluxo de atividade em curso, incluindo aqui as sequências de acontecimentos” (GOFFMAN, 2012a), relevante a uma determinada constelação de atores em grupo mediatizado. Sendo um grupo de WhatsApp, na condição de *emoji* substituto de um gesto na intenção da comunicação entre duas ou mais pessoas, poderá haver padrões marcados por este determinado conjunto de *emojis*. Muitos corações incididos em um determinado

mês, no comparativo de uma interação de seis meses, por exemplo, pode significar algo relevante, um quadro significativo por um determinado tema. A utilização desse *emoticon* também pode ancorar laminações externas, ou seja, maquinações demasiado complexas relacionadas ao uso de ambiguidades, de relações de poder ou evidências de ilusão ou auto-ilusão – chamado de vulnerabilidade à noção goffmaniana. Ratifica-se que um *emoji* também pode se exibir como um elemento de ritualização goffmaniana no grupo – permeada de *normalização*, *exagero* e *simplificação*, como sintetiza Persson (2018, p. 34), ao resumir o conceito de ritualização nos trabalhos de Goffman. Quantitativamente, pode-se ver que no hipotético período focalizado houve maior desvio-padrão da quantidade de caracteres de *emoji*. Qualitativamente, o mesmo período pode ter sido o de intensificação simbólica pelas mensagens sobre o Dia dos Namorados. Tematicamente, *frames* sobre essa data foram permeados de *emojis* de corações de um junho qualquer marcado por intervalos curtíssimos entre as mensagens trocadas. Este é o exercício proposto nas poucas e próximas linhas que foram permitidas ao estudo sob relação.

Compreender os estádios de (re)transformações dos quadros por vulnerabilidades e ritualidades, categorizando-os em maquinações e *frames* de tons via retonalizações em camadas, qualitativamente, poderá exigir o processo de separar o “joio do trigo”; de elementos ancoráveis por laminações de simbologias de expressão, a exemplo de *emojis* do texto que subjaz. Este hipotético e minúsculo enquadramento ajudará na compreensão: “Vc vai para festa hoje? (Ator 1); www.linkdafesta.com (Ator 1) “👉” (Ator 2); Silêncio no grupo”. Nas três faixas de atividades ocorridas, incluindo o silêncio no grupo mediatizado, se houver padrão deste tipo de comunicação pelos atores, possivelmente, poderá haver um *insight* de que aquele é um *frame* relevante. Como esse padrão pode ser visto? – Pela prática da mineração de dados, via função “Exportar Chat”, que o WhatsApp permite (ainda¹¹) ao pesquisador. No esquema

11 Na Alemanha, esta função foi desabilitada em 2020. Isso abre um amplo debate sobre as Leis de Proteção de Dados Pessoais, que neste artigo não será feito.

proposto a seguir, dois cálculos ajudarão a delimitação¹² de *frames* para leituras qualitativas. O exemplo dado do minúsculo enquadramento, quantitativamente, pode ser lido: “[Caractere de Texto] (Código do Ator 1); [Caractere de Símbolo] (Código do Ator 1); [Caractere de Símbolo]” (Código do Ator 2), [Intervalo Longo].” Essa estrutura poderá ser recorrente no grupo e mais conciso será o padrão se mais genérico for. Essa *datatização* da ordem interacional talvez seja uma das características mais nítidas da mediatização profunda. Demais disso, a possibilidade de ver na constelação de atores do grupo dos atores daquelas do exemplo repertórios de mídia, disponibilizado a partir das desde as leituras de *links*, intrínseco da abordagem da figuração comunicativa. “Torna-se, então, claro que só poderemos compreender adequadamente a dinâmica interna dos repertórios de informação se prestarmos também atenção à interrelação das suas representações” (HEPP, 2019, p. 95; traduziu-se).

Dessarte, quatro aplicações unem o conceito em laminações internas e externas aos de ancoragem de quadros de interação. Em um grupo de WhatsApp, o *chamamento pelo nome* de um participante, configurado no “@Fulano”; as *extensões* das intenções pronunciadas pelas referências aos *links* em seus “www”; o *direcionamento direto* ao centro do contato contido na presunção dos *e-mails* estendido a futuras relações de suas “@”; e os componentes, *par excellence*, da roteirização dramática, os símbolos ou *emojis* dos “=”) distribuídos ao deus-dará; são novas configurações de laminações. Internas, consideradas na resultante da fórmula quantitativa. Externas, excluídas a fim de preservar a modelagem de uma suposta “*interação face a face mediatizada*”. Expressa-se, com efeito, o cálculo da *quantidade de caracteres líquidos* (*Qntd_Caract_Liquido*), que exclui caracteres de chamadas (*Qntd_Caract_Chamadas*), *link* (*Qntd_Caract_Links*), *e-mails* (*Qntd_Caract_Emails*) e caracteres de *emojis* ou símbolos (*Qntd_Caract_Emoji/Simbolo*) da *quantidade de caracteres total*. Exclui para firmar as ancoragens que esses elementos ancoráveis podem laminar em um quadro a ser debatido:

12 Recomenda-se delimitar eventuais padrões inicialmente pela mineração de dados de um arquivo computacional de extensão “.txt”, processado por um *software* de modelação de dados como Microsoft Power BI (pagos) ou *softwares* de códigos abertos (gratuitos) como *Python* ou *R*.

Além das ancoragens de laminações, acentua-se a importância de ver um texto pelo aspecto lexical, sem interferências de números, caracteres de pontuação e risadas. Maquinações e tonalizações são possibilidades de transformações pelas quais quadros primários passam, no entendimento de Goffman. O artigo não abarcaria adentrar estas especificidades, mas transferem-se aqui alguns exemplos destas transformações. Faz de conta, competições, cerimoniais, reconstituições técnicas e reposicionamentos são exemplos de tons de um quadro. Enganos jocosos, embustes, provas vitais, elaborações paternas, falsidades, provas forjadas e os populares contos do vigário são exemplos das maquinações analisadas por Goffman. Em um quadro interacional mediatizado, isso pode ser observado pela estrutura da composição das mensagens. Palavras iniciais e finais, portanto, podem dar tom e maquinação a um enquadramento temático. Esta é a terceira proposta analítica do estudo. Entende-se, neste passo, que é a oportunidade de explicitar maquinações e tonalizações dos atores do grupo mediatizado. Propõe-se, assim, uma fórmula para identificar a integralidade textual das mensagens trocadas com potencialidade de elementos de maquinações e tonalizações pelos atores.

A *quantidade de caracteres de texto* de uma mensagem, na terceira proposta para cruzamento quali e quanti da análise das ancoragens, é tencionada à composição das palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas para exemplificar a garimpagem do intento da fórmula. Analisar o todo de uma mensagem de um grupo de WhatsApp requer detalhamento em seu conteúdo por metodologias qualitativas. Recortar *frames*, sem embargo, tange à complexidade das mensagens difusas e fragmentadas temporalmente de uma interação em grupo. Unificar sentidos lexicais ao todo textual, poderá ser procedido nesta perspectiva. Entender que palavras iniciais e finais são anúncios âncora de um debate é assumir uma centralidade no corpo analítico a ser modelado no âmbito da análise. Portanto, torna-se necessário delimitar, paralelamente à profundidade qualitativa, espectros quantitativos aqui considerados como quantidade de caracteres de texto. Esse cálculo deve manter a integralidade de uma mensagem, já que considera apenas

texto analisável, gramatical e lexicalmente. A quantidade de caracteres de texto aprofunda a “pureza” de uma mensagem – isto no sentido de excluir as marcas de maquinações benignas, especificamente os enganos jocosos, e as tonalizações alegadas referentes às brincadeiras, ambas pertencentes à concepção goffmaniana das ancoragens de quadros de interação. A *quantidade de caracteres líquidos*, matéria assentada na sequência, exclui chamadas, *link*, *e-mails* e caracteres de *emojis* ou símbolos. A proposta de *quantidade de caracteres de texto* resulta na subtração de caracteres de risos (ex: “he”, “há”, “hi”, “hu”, “hh”, “ja”, “je”, “ka”, “kk”, “rs”), caracteres de pontuação (ex: “:”, “?”, “.”, “!”) e figuras de números (“0”, “13”, “2020”).

A derradeira aplicação sobre a contextualização das ancoragens relacionadas à temporalidade da interação pode ser estendida a futuros estudos. Um grupo midiaticizado constitui-se de um acervo pleno para a organização de experiência de sujeitos envolvidos em uma representação pura interativa. O quarto vetor de estruturação de *frames* temáticos em ambientes midiaticizados pode ser ancorado por padrões temporais – tanto pela velocidade da interação quanto pelos intervalos de silêncios em um grupo. Nos intervalos de interação, categorizados em silêncio ou pausas que denotam a velocidade temporal da sequência interativa, pelo prisma quantitativo, meses, dias da semana e horário também podem ser contrastados. De acordo com esse entendimento, presente, os intervalos curtos e longos, sintetizados nos silêncios, podem ser tangenciados a enquadramentos temáticos que evidenciem i) uma fonte de envolvimento da constelação de atores no quadro do qual estão emergidos; ii) uma ruptura do quadro, literal ou parcial; e iii) um arranjo de desatenção dos atos internos da interação pelo foco ao externo fora do quadro. Esses contextualizam a noção de que: “A questão dos parênteses internos pode ser abordada examinando a maneira de manejar o tempo nos roteiros dramáticos” (GOFFMAN, 2012a, p. 329).

No intento de contribuir com futuros estudos acerca das ancoragens, o quadro a seguir sintetiza aplicações que o estudo desses elementos

discursivos, sondáveis às funcionalidades técnicas do WhatsApp, podem permitir metodologicamente por vieses quantiquantitativos.

Quadro 1 – Proposta quantiquantitativa das ancoragens midiáticas

Convergência da Ordem Interacional Midiatizada e Face a Face	Ancoragens Midiáticas	Evidências Quantitativas	Evidências Qualitativas
Modalidades de atenção	Texto, som, imagem e vídeos trocados	Quantidade de tipos de mensagens	Distinção de mensagens de texto, imagens e sons
Laminações	Palavras-chave de uma mensagem e “caracteres de chamada”, “caracteres de <i>links</i> ”; “caracteres de <i>e-mail</i> ”; e “caracteres de símbolos	Quantidade de caracteres líquidos	Profundidade transformacional dos quadros de interação
Maquinações e Tons	Palavras iniciais e finais e “caracteres de risos”, “caracteres pontuação” e “caracteres números”	Quantidade de caracteres de texto	Estrutura de formação textual das mensagens de uma interação
Elementos de Temporalidade	Silêncio e pausas	Quantitativo de mensagens com interação super-rápida, rápida, regulares, demoradas e intervalos curtos e longos	Compreensão da temporalidade da interação dos participantes e período

Fonte: Elaboração própria adaptada de Cavalcante (2019)

Conclusão

Compreender uma constelação de atores com esteio nos quadros de relevância em suas modalidades de comunicação, por seus repertórios de mídia, conforma a síntese da proposta deste experimento. Pesquisar, *in hoc sensu*, um grupo midiático implica compreender como

seus membros se rearranjam estando configurados em rede. Além disso, torna-se necessário observar o jogo figurativo-representacional dessa constelação de atores junto aos quadros de relevância que se entrelaçam aos seus repertórios de mídia na vida cotidiana. Justifica-se, de tal maneira, a escolha deste artigo por aprofundar o conceito de enquadramento temático às leituras goffmanianas, extraindo de sua teoria evidências empíricas; em especial, quando relaciona estas às funcionalidades técnicas dos grupos midiáticos como marcadores detectáveis que preparam um jogo representacional assentado às mídias nas novas aglomerações humanas. Futuros trabalhos poderão se utilizar das categorias analíticas exploradas nos conceitos de ancoragens de interação e entender as limitações e amplitudes que as funcionalidades técnicas de outros aplicativos de comunicação instantânea podem oferecer nas análises de grupos midiáticos.

A pesquisa de mídia com a técnica metodológica quantiquantitativa faz do olhar do estatístico ou da Linguística perto e distante das barreiras que por décadas separou correntes teóricas. Tais perspectivas são conduzidas pela reta processual da observação no interior da pesquisa. Pelas quatro propostas de ancoragens da interação, um conjunto de dados de um grupo midiático pode ser convertido em observações tornadas fecundas e qualificáveis. Estas estratégias de delimitações de *frames* por vieses quantitativos podem ser consideradas como trianguláveis contrapostas noções de ancoragens sob técnicas qualitativas. Por mais que este artigo não tenha se debruçado em análises de conteúdo do conjunto de informações processadas pelo cálculo da quantidade de caracteres líquidos e de texto, aqui se apontam caminhos para que em estudos futuros estes pontos sejam aprofundados.

Pelos parênteses internos de ancoragem de uma interação midiática, retoma-se a ideia de i) modalidades de atenção por recebimento de notificações, juntamente com a possibilidade de visualização do *status* de digitação e leitura dos tipos de mensagens dos atores do grupo midiático, textual, sonoro ou imagético; ii) profundidade *transformacional* dos quadros de interação; iii) palavras iniciais e finais dos anúncios de

entradas e saídas de uma mensagem; e iv) silêncio e pausas em uma interação midiaticizada, padronizavelmente, podem ser observados pela perspectiva de um retrato triangulado quantitativamente.

Ao vislumbre do pós-humano *data-driven storytelling* (narrativa de dados) se espera que este estudo afine os esforços das comunidades de *softwares* livres, em especial do *R* e *Python*, que vêm desenvolvendo um plausível trabalho nos pacotes computacionais gratuitos disponibilizados para análise de WhatsApp. Também se almeja que esta proposta acrescente às pesquisas sobre *frames* de relevância das figurações que ameaçam a democracia.

Referências

- AVERBECK-LIETZ, S. Understanding mediatization in “first modernity”: Sociological classics and their perspectives on mediated and mediatized societies. In: *Mediatization of Communication*, v. 21, p. 109, 2014.
- BUZATO, M. E. K. Dadificação, visualização e leitura do mundo: quem fala por nós quando os números falam por si? *Revista Linguagem em Foco*, v. 10, n. 1, p. 83-83, 2018.
- CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre. *Vínculos de ancoragens e enquadramentos temáticos: olhares itinerantes às interações midiaticizadas em grupo*. 2019. 292 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28635>. Acesso em: 31 maio 2020.
- COULDRY, N.; HEPP, A. *The Mediated Construction of Reality*. Cambridge: Polity Press, 2016.
- DOYLE, K. Facebook, Whatsapp and the Commodification of Affective Labour. *Communication, Politics & Culture*, 2015.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. New York: Anchor Books, 1959.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].
- GOFFMAN, E. *Os Quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise*. Tradução: Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012a.
- GOFFMAN, E. *Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Tradução: Fábio Rodrigues. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.
- HANKE, M. Truth as Objectified Knowledge in In-Groups. *Schutzian Research. A Yearbook of Lifeworldly Phenomenology and Qualitative Social Science*, n. 10, p. 141-153, 2018.

- HEPP, A. *Culture of Mediatization*. Tradução: Keith Tribe. Cambridge: Polity Press, 2013.
- HEPP, A. The communicative figurations of mediatized worlds: mediatization research in times of the “mediation of everything”. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 45-64, 24 jun. 2014.
- HEPP, A. *Deep Mediatization: Key Ideas in Media & Cultural Studies*. [s.l.] Routledge, 2019.
- HEPP, A.; BREITER, A.; HASEBRINK, U. (ed.). *Communicative Figurations: Transforming Communications in Times of Deep Mediatization*. New York: Palgrave Macmillan, 2018.
- HEPP, A.; HASEBRINK, U. Interação Humana e Configurações Comunicativas: transformações culturais e sociedades midiaticizadas. Parágrafo: *Fiam-Faam*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-89, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/issue/view/46>. Acesso em: 10 out. 19.
- KARANASIOS, S.; DHAVALKUMAR, T.; LAU, L.; ALLEN, D.; DIMITROVA, V.; NORMAN, A. Making sense of digital traces: An activity theory driven ontological approach. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 64 (12): 2452-2467, 2013.
- KROTZ, Friedrich. The Meta-Process of ‘Mediatization’ as a Conceptual Frame. *Global Media and Communication*, 3(3): 256-260, 2007.
- NUNES, João Arriscado. A Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 37, p. 33-49, jun. 1993. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/11598>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- PERSSON, A. *Framing social interaction: Continuities and cracks in Goffman’s Frame Analysis*. [s.l.] Taylor & Francis, 2018.
- PUENTE BIENVENIDO, H.; BRUNA, C. S. Mirada sociológica al *software* lúdico: la dramaturgia de Erving Goffman en los videojuegos. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, [s. l.], n. 166, p. 135-151, 2019. Disponível em: http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_157_041483963221459.pdf. Acesso em: 16 mai. 2019.
- SAMPIETRO, A. Emoticonos y multimodalidad. El uso del pulgar hacia arriba en WhatsApp. *Aposta. Revista de Ciencias Sociales*, n. 69, p. 271-295, 2016.
- SNOW, R.; ALTHEIDE, D. *Media logic*. [s.l.] Thousand Oaks: SAGE Publications, 1979.
- THOMPSON, J. Mediated interaction in the digital age. *MATRIZES*, v. 12, n. 3, p. 17-44, 26 dez. 2018.

Sobre os autores

Fernando Luiz Nobre Cavalcante – Doutor em Estudos da Mídia e pesquisador associado ao pós-doutorado no Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. No presente artigo, o autor participou do desenho teórico-metodológico, redação e revisão do texto.

Michael Manfred Hanke – Livre-Docência em Ciências da Comunicação (1998, Essen, Alemanha) e Doutorado em Letras (1991, Dr. phil., Universidade de Essen). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia pela UFRN. No presente artigo, o autor participou da tutoria e supervisão da tese de doutoramento em Estudos da Mídia que originou este estudo.

Data de submissão: 16/12/2019

Data de aceite: 31/05/2020